

Um homem no centro da crise

Gilberto Alves 05.09.02

CORREIO BRAZILIENSE — A principal deficiência do atual governo na opinião do eleitor, segundo pesquisa encomendada pelo Correio ao instituto Vox Populi, é a Saúde. O senhor concorda com esse resultado?

JOFRAN FREJAT — Tudo que se faz em saúde é pouco e tarde. Conseguimos que o ministério da Saúde pagasse os medicamentos especiais que fornecemos. O setor de doenças de alto custo está organizado em associações. Eles se organizaram e fazem pressão. Embora eu esteja há cinco meses fora da Secretaria, tudo o que acontece é culpa minha. O Ministério da Saúde repassava R\$ 3 milhões para medicamentos de alto custo. Estávamos gastando R\$ 12 milhões e fornecendo alguns fora da lista do ministério.

CORREIO — Mas estão em falta tanto medicamentos básicos quanto os mais complexos na rede pública.

FREJAT — Houve uma falta de recursos. Mas não é só esse o problema. O empresário da área de medicamentos não tem compromisso com a área de saúde. Se você faz uma licitação e compra o medicamento mais barato, ele vai para a Justiça e dificulta a compra desse medicamento. De qualquer jeito demos uma reequipada nos hospitais. Antes de eu assumir, tínhamos 400 leitos desativados. Sabe o que é isso? O HRAN inteiro. A UTI do Hospital de Base, que tinha 28 leitos, eu recebi com 12.

CORREIO — Como o senhor avalia hoje as condições do Hospital de Base?

FREJAT — Quanto mais nós melhoramos, mais vem gente e mais lota o hospital. Agora, em termos de reequipamento, estamos ótimos. O Hospital de Base recebeu 16 respiradores para a UTI. Recebeu ressonância magnética e balão intraórtico que estão salvando inúmeras vidas.

CORREIO — Os médicos, apesar desses novos aparelhos, reclamam que não têm condições para trabalhar. Principalmente na cardiologia e no pronto-socorro.

FREJAT — Essa crise se exarcebou fora do meu período. Não quero nem falar sobre isso.

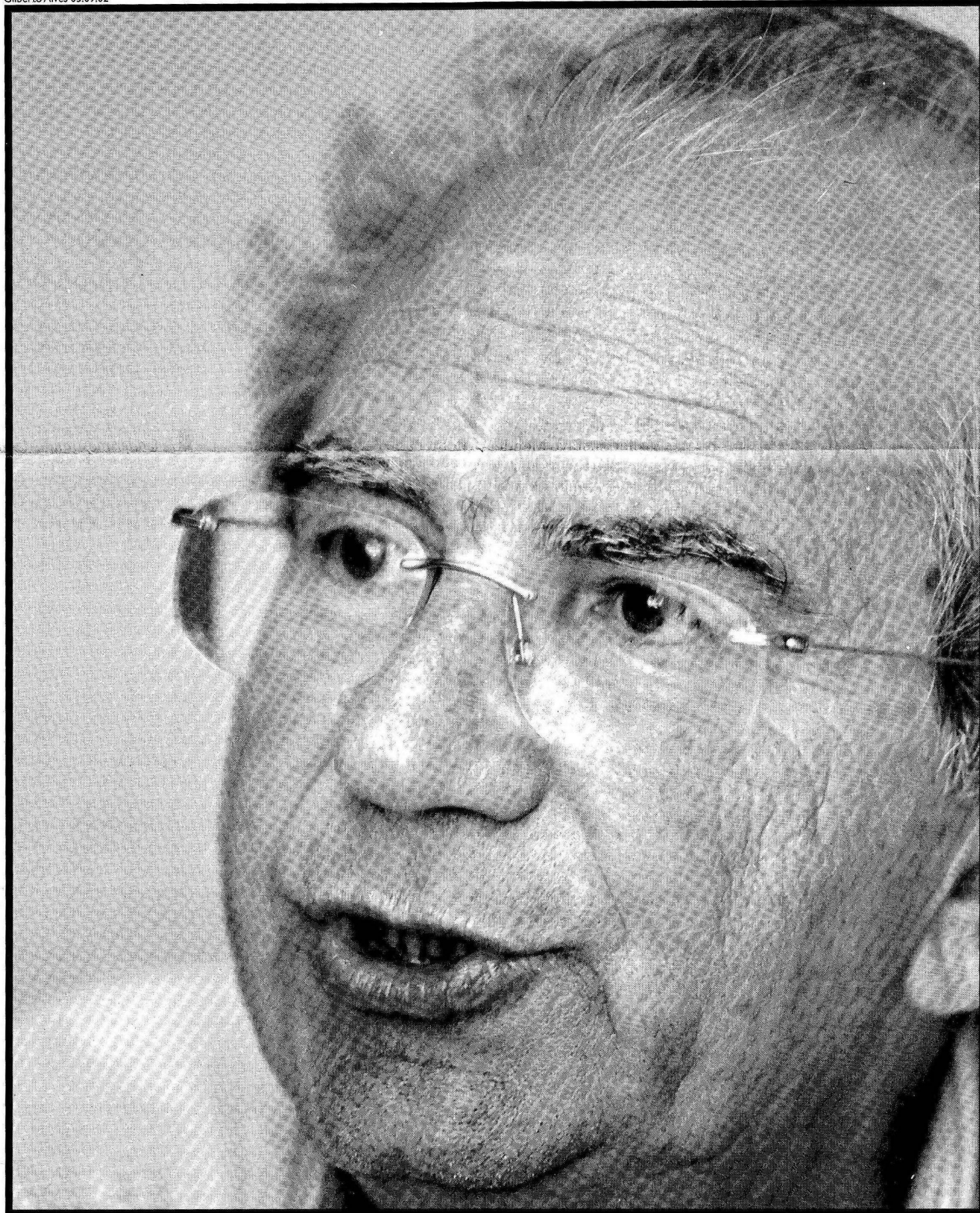
CORREIO — Mas a crise apareceu antes, entre dezembro e março, enquanto o senhor ainda era secretário. Há reclamações da cirurgia cardíaca destinadas especificamente ao senhor.

FREJAT — Não recebi nenhuma.

CORREIO — Temos cópias de um desses memorandos endereçado ao senhor.

FREJAT — Mas eu não recebi. Sei que existem problemas, por exemplo, na cirurgia cardíaca infantil. Mas é preciso saber que, antes de mim, toda cirurgia cardíaca era feita fora de Brasília. No caso do transplante renal, em 1998, eram realizadas 35 cirurgias. Quando assumi, em 99, foram 43. Em 2001, foram 67.

CORREIO — E, em 2002, o Ministério da Saúde fechou o transplante.



FREJAT, DEPUTADO FEDERAL, TENTA AGORA UMA VAGA NO SENADO: EM QUATRO DIFERENTES OPORTUNIDADES ELE ESTEVE À FRENTE DA SAÚDE NO DF

FREJAT — Foi depois que eu saí, no final de abril. Transplante paga bem, em torno de R\$ 15 mil. Tinha um grupo do Hospital de Base querendo fazer a cirurgia fora do Hospital de Base, na rede particular. Agora, o exame de histocompatibilidade, que é o caro, o governo paga.

CORREIO — Mas o Ministério da Saúde disse que fechou o transplante por problemas como goteiras nas salas de cirurgia, por exemplo.

FREJAT — São 16 salas de cirurgia no Hospital de Base. Se em uma teve infiltração, que pode ter sido por causa da chuva, poderiam transferir para outra sala. A questão é que o pessoal do hospital fez um documento para o Ministério da Saúde denunciando o problema. O Ministério não manda mudar de sala. Manda sus-

pendar até segunda ordem.

CORREIO — O transplante de fígado está parado até hoje.

FREJAT — Eu não tenho nada a ver com isso. Durante o meu período teve transplante de fígado.

CORREIO — Desde setembro do ano passado, começaram a faltar medicamentos e materiais cirúrgicos no Hospital de Base. Qual o motivo do problema?

FREJAT — Fiquei na Secretaria de Saúde de fevereiro de 1999 até abril de 2002. Até 2001 não vi nenhuma reclamação. Será que eu só fui competente até 2001? Em 98, tivemos 4,1 milhões de atendimentos, em 2001, 5,5 milhões.

CORREIO — Os médicos dizem que falta antibiótico para operar, que não têm como realizar as cirurgias.

FREJAT — O problema do abastecimento sempre houve porque, se você faz uma licitação e falta recurso, alguém trava a licitação e atrasa mais um pouco. Se você manda dispensar a licitação por urgência, o Ministério Público e o Tribunal de Contas vêm para cima de você. Se você espera a licitação, o usuário reclama.

CORREIO — A planilha de custos da secretaria mostra que parte do orçamento foi gasta com a construção da terceira ponte e com a compra de pão e leite para as cestas básicas.

FREJAT — Quando o governo apresentou a proposta na qual pegava recursos para saneamento e para cestas básicas do orçamento da Secretaria de Saúde, eu mandei um ofício para o secretário de Finanças dizendo que não concordava com aquilo. Mas esse

recurso foi tirado com a garantia de que, com o excesso de arrecadação, seria reposto.

CORREIO — E ele foi reposto?

FREJAT — Eu não estou mais na Secretaria.

CORREIO — O senhor teve conhecimento das crises nos respiradores?

FREJAT — Tive. Teve um médico que fez uma denúncia no ano passado de pacientes que morriam por causa do mau funcionamento dos respiradores. Mas nós compramos 43 respiradores novos.

CORREIO — Apenas três foram para emergência do Hospital de Base. E o Conselho Regional de Medicina fez uma visita no local pedindo a troca da aparelhagem por achar que ela não atendia às necessidades dos pacientes.

FREJAT — Qual o hospital público do Brasil que tem todos os equipamentos necessários? O ideal seria que tivesse um respirador novo por paciente, com alarme e tudo mais. Mas não há dinheiro para isso. Um respirador custa mais de U\$ 100 mil. Nós compramos 43 e distribuímos por toda a rede.

CORREIO — O Correio entrevistou médicos que afirmam ter perdido pacientes nos respiradores do Hospital de Base. Dizem que as máquinas pararam de funcionar e, por faltar alarme, os pacientes morreram asfixiados. O senhor conhece casos de mortes?

FREJAT — Sei. O hospital alega que as mortes ocorreram por falta de profissional. É muito fácil dizer que não tem aparelho. Eu me lembro de um caso, por exemplo, que a enfermeira estava colocando a culpa no médico. O médico colocava a culpa na enfermeira e alguém jogava a culpa para o respirador. Agora eu pergunto: naquele pronto-socorro, com aquele volume de pessoas, todos os aparelhos tem de ter alarme? No pronto-socorro não falta pessoal. Lá é área de prioridade. É muito fácil colocar a culpa no aparelho.

CORREIO — Os médicos dizem que são poucos para a quantidade de pacientes. A emergência tem capacidade para 101 pessoas e atende 230, por dia. São 23 médicos e 5 enfermeiras para atender todos os doentes.

FREJAT — É a pura verdade. Durante os quatro anos do governo anterior não houve concurso. Nós fizemos três concursos para médicos e não completamos as vagas. O governo federal não deu aumento para o servidor público. O médico está ganhando mal.

CORREIO — O senhor é cirurgião oncológico (especialista em câncer). Como está o tratamento de câncer no HBDF?

FREJAT — O local não está adequado para a quantidade de pacientes que existe. É importante lembrar que, quando nós assumimos, a bomba de cobalto estava parada e os pacientes tinham de se tratar em Anápolis e Goiânia.

CORREIO — Eles continuam indo para lá porque existem duas máquinas paradas.

FREJAT — Eles só vão para Goiás eventualmente. As máquinas já voltaram a funcionar. Inclusive o acelerador linear, que é um aparelho antigo e não tem mais peça para ele. Precisa comprar outro.

CORREIO — Como o senhor avalia a Saúde Pública do DF?

FREJAT — Brasília, segundo a Fundação Getúlio Vargas, tem o melhor sistema de saúde pública do país. Tem a menor mortalidade infantil, menor mortalidade materna, o maior número de consultas pré-natal (mais de 80% das gestantes têm seis consultas), a maior cobertura vacinal e, nos anos 2000/2001 teve, percentualmente, o maior número de transplantes renais do país. É isso que as pessoas vêm buscar.